



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

KALINE XAVIER SILVA

**A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 5º
ANO “A ESCOLA É NOSSA”**

**GUARABIRA – PB
2015**

KALINE XAVIER SILVA

**A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 5º
ANO “A ESCOLA É NOSSA”**

Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Departamento de Educação, campus III, como pré-requisito para a conclusão do curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil.

Orientadora: Profª Ms Emília Ferreira de Barros.

GUARABIRA – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Kaline Xavier
A imagem do negro no livro didático de história do 5º ano a escola é nossa [manuscrito] / Kaline Xavier Silva. - 2015.
40 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Étnico Racial na Educação Infantil EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Emilia Ferreira de Barros, Educação".

1. Livro didático. 2. Afro-descendente. 3. Negro. I. Título.
21. ed. CDD 370

Kaline Xavier Silva

A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 5º ANO “A ESCOLA É NOSSA”

Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Departamento de Educação, campus III, como pré-requisito para a conclusão do curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil.

Aprovada em 13 / 11 / 2015

Banca Examinadora:

Emília Cristina Ferreira de Barros

Profª Orientadora: Ms Emília Ferreira de Barros.

Francisco das Chagas Galvão de Lima

Prof Examinador/a: Ms Francisco das Chagas Galvão de Lima

Tarcia Regina da Silva

Profª Examinador/a: Ms Tarcia Regina da Silva.

DEDICATÓRIA

Dedico especialmente a minha mãe, que sempre esteve do meu lado me dando força, para não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelas bênçãos que vem me proporcionando. De forma especial a minha mãe Maria do Céu Xavier, que está sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida me dando conselhos e força, para vencer os obstáculos da vida.

A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 5º ANO “A ESCOLA É NOSSA”

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar com a figura do negro está sendo reproduzida no livro didático, em especial no livro didático do 5º ano trabalhado pela Rede Estadual no Município de Guarabira – PB. Tendo em vista a importância que o livro didático tem na representação do negro em nossa sociedade, o presente trabalho procura expor como atos de preconceito devem ser combatidos dentro da esfera educacional, iniciando no que diz respeito à constituição do livro didático que configura um importante recurso pedagógico em sala de aula. Contudo, a análise com relação à referente Lei nº 10.639 de 2003 que estabelece as diretrizes quanto à composição do livro didático em virtude do currículo oficial da Rede de Ensino com a obrigatoriedade do trabalho em sala de aula baseado na temática "História e Cultura Afro-Brasileira", dentro dos parâmetros e bases da educação nacional. Neste percurso metodológico deve-se levar em consideração o papel do educador que deverá ter seus princípios de uma educação multicultural que deverá ser baseado na inclusão e integração do Afro-descendente e de sua história, sem distorção e negação de sua cultura e raça. Dessa forma, a pesquisa foi de caráter bibliográfico a luz dos conhecimentos de autores como: MUNANGA (1988) e (2006); RIBEIRO & GONÇALVES (2012); SILVA (2011); SANTOS (2013) e BITTENCOURT (2004), dentre outros, serviram de base para entender melhor o processo de reestruturação do livro didático nos últimos anos em virtude a temática sobre o Afro-brasileiro e sua história e cultura.

Palavras-chaves: Livro Didático; Afro-descendente; Negro; Lei nº 10.639 de 2003.

THE BLACK IMAGE IN TEXTBOOK OF THE 5 YEAR HISTORY "SCHOOL IS OUR"

ABSTRACT

This study aims to analyze the figure of the black is imagen in the textbook, especially in the textbook of the 5th year worked for the State Network in the city of Guarabira - PB. Given the importance that the textbook has the representation of black in our society, this paper attempts to draw as acts of prejudice must be fought within the educational sphere, starting with regard to the constitution of the textbook that sets an important resource teaching in the classroom. However, the analysis regarding the related Law 10.639 of 2003 establishing the guidelines for the composition of the textbook as a result of the official curriculum of the Education Network to compulsory work in class room based on the theme "History and Culture african-Brazilian ", within the parameters and basis for national education. This methodological approach should take into account the role of the educator who must have their principles of multicultural education should be based on the inclusion and integration of African decent and its history without distortion and denial of their culture and race. Thus, the research was of bibliographic the light of the authors knowledge as MUNANGA (1988) and (2006); RIBEIRO & GONÇALVES (2012); Silva (2011); SANTOS (2013) and BITTENCOURT (2004), among others, formed the basis to better understand the textbook restructuring process in recent years because the theme of Afro-Brazilian and its history and culture.

Keywords: Textbook; African descent; Black; Law 10.639 of 2003.

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 – Imagem do Livro Didático. Fonte: 2015.....	12
Ilustração 2 – Imagem do Livro Didático. Fonte: 2015.....	15
Ilustração 3 – Imagem do Livro Didático. Fonte: 2015.....	17
Ilustração 4 – Imagem do Livro Didático. Fonte: 2015.....	18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - O NEGRO E A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO: SUAS IMAGENS REPRODUZEM PRECONCEITOS?.....	12
1.1O LIVRO DIDÁTICO E AS NOVAS DIRETRIZES DA LEI 10.639 DE 2003.....	20
1.2 A RELAÇÃO DO EDUCADOR NA INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO AO AFRO- DESCENDENTE.....	25
CAPÍTULO II - A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA VISÃO DO MUNDO DA CRIANÇA: CONSTRUINDO UMA VISÃO INTEGRADORA.....	30
2.1 DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO NEGRO: UMA REPARAÇÃO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.....	32
CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva examinar e analisar como a imagem do negro está sendo representada nos livros didáticos de história, tendo como objetivo o estudo da identidade afro brasileira nos livros didáticos de história, este por sua vez do 5º ano do Ensino Fundamental, tendo como base o livro “A Escola É Nossa”, publicado em 2012, 3ª edição, Editora Scipione – São Paulo, de autoria de Rosemeire Alves e Maria Eugênia Bellusci, desenvolvido na rede pública Estadual do Estado da Paraíba, na cidade de Guarabira no referente ano.

Falar em história é relembrar o passado, contextualizando o tempo e o espaço, vislumbrando o entendimento do presente e de ações futuras.

A discriminação racial ainda é um problema vivenciado em nossa sociedade, e nada melhor que a escola para dispor de mecanismos que avaliem e repudie este tipo de situação, desta forma, a análise do livro didático se torna uma ação de medidas geradora e representativa dentro do universo escolar. Dessa forma, o ambiente escolar com não contribuir com práticas discriminatórias, mas sim acaba por as fortalecer, visa uma desconstrução da imagem que há muito está sendo atribuída a imagem do negro no livro didático.

Neste trabalho procurou-se, através de pesquisa bibliográfica, abordar a discussão sobre a discriminação do negro no livro didático a partir das ilustrações no livro didático do 5º ano do Ensino Fundamental. E se fundamenta na concepção denominada de “Nova História”, que por sua vez, essa corrente historiográfica ao qual o livro se atribui trabalhar, proporciona aos pesquisadores das ciências humanas entenderem que a história não é só construída pelos grandes homens, mas também, pelas lutas das classes menos favorecidas, por uma população esquecida, marginalizada, na história e na contagem dela, nada seria do Brasil sem a sua responsabilidade étnica racial e na discussão de como, por exemplo, o negro e índio foram importantes para a construção e alicerce de nossa sociedade, bem como na composição de nossa raça.

A etnia negra tem sua representação nos livros de história quase sempre no período colonial do Brasil, com a representação da maior entidade comercial que o País já encenou em todos os tempos, a herança histórica da escravidão, que marcou uma época e moldou o processo econômico, social e cultural de toda nossa história.

Para a composição deste trabalho foi necessário estabelecer alguns objetivos tais como: refletir sobre o fato inserido nas páginas do livro didático de história do 5º ano sobre a figura do negro; Compreender qual a influência do educador no trabalho com as ações afirmativas contra a discriminação e segregação racial interveem dentro dos limites do aluno no meio social em que vivem; Compreender o negro na historiografia do livro didático; Analisar as ilustrações, onde são relatadas as desigualdades sociais; Apresentar a metodologia, onde abordaremos o universo da pesquisa; Analisar como o livro didático pode contribuir para a formação da cultura afro-brasileira e por fim analisar a proposta da Lei da 10.639/2003. A motivação para tal pesquisa partiu do interesse de pesquisar sobre o assunto através do desejo de compreender melhor o motivo da desigualdade social tão consagrada na nossa história. Na condição de educador, o professor, deve ser provocado a cada dia em sua prática, assim, causando reflexão no exercício de aprendizagem do aluno, bem como, desenvolvendo práticas que reconheçam e a valorizem as chamadas culturas negadas, de forma que se leve em consideração não só o discurso dos dominantes, e sim da luta de classes, dos ditos excluídos e marginalizados de nossa composição histórica.

O interessante é que a reflexão do fato inserido nas páginas dos livros didáticos que as escolas adotam leve-nos a intervir dentro de nossos limites no meio social, cultura, e intelectual em que vivemos.

Dentro desta perspectiva surge a discussão sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o qual se encontra vinculado ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), este órgão está encarregado pela sua execução, em suma a escolha do conteúdo relacionado ao livro didático deve reger aos conceitos e premissas definidas pelo órgão, dessa forma, o Programa Nacional do Livro Didático tem como objetivo principal a distribuição de livros didáticos para estudantes de todo o Brasil, vinculados as redes Estaduais e Municipais de ensino, ou seja, responsável pelo material didático trabalhado pela Educação Básica das escolas públicas.

De forma geral, esse programa possui uma dimensão política que está assentada, implicitamente, em concepções e princípios democráticos, daí a valorização dos conceitos sobre diversidade cultural, étnica e social para o ensino dentro de nossas escolas, uma vez que através do PNLD todos os estudantes e professores terão a possibilidade de acompanhar um material diversificado e igual a

todas as regiões contemplando os direitos ao acesso do livro didático e educação para todos, beneficiando alunos igualmente, independentemente de sua classe social, região, cor e ou religião.

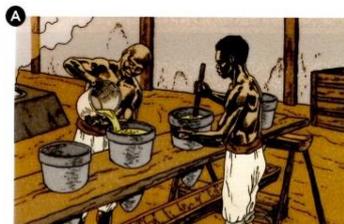
Para dados metodológicos se deu através da pesquisa bibliográfica, descritiva, com informações e resultados de coletas de dados referentes ao estudo do livro didático do 5º ano “A Escola é Nossa”, de publicação de 2012.

CAPÍTULO I

O NEGRO E A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO: SUAS IMAGENS REPRODUZEM PRECONCEITOS?

Durante muito tempo a imagem dos negros eram retratados de forma estereotipada e desumanizada, retratando o negro como personagens do período da escravidão, ou em status de classes baixas ou pessoas a margem da sociedade, assim, por décadas essa situação foi vivenciada nos livros didáticos, bem como no currículo escolar que não privilegiava a cultura do povo Afro e seus descendentes na história do Brasil. Tal realidade pode ser confirmada com a ilustração a seguir do Livro Didático do 5º ano “A Escola é Nossa” (3º Edição, Editora Scipione, São Paulo – 2012):

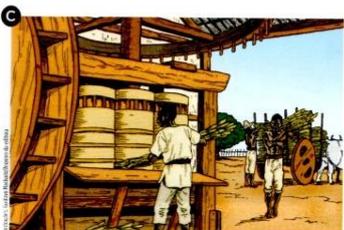
2. O processo de fabricação do açúcar nos engenhos era bastante trabalhoso e dependia de muitos escravos. As ilustrações a seguir representam as etapas de produção de açúcar nos engenhos. Observe cada uma delas e leia os textos que as acompanham. Note que as etapas estão fora de ordem.



*Informe aos alunos que melação é um líquido muito doce, de aspecto viscoso, semelhante ao mel, que é obtido por meio do cozimento do caldo da cana. Depois que esfriava, o melão era colocado em formas de barro, para endurecer e branquear.



Nos canaviais, a cana era colhida e transportada até a casa de engenho.



Ao chegar à casa de engenho, a cana era moída para se extrair o caldo.

NÃO ESCREVA NESTE LIVRO.

Quando branqueava, o açúcar era retirado das formas, batido e colocado ao sol para secar.

O caldo da cana era cozido para retirar as impurezas e para engrossar, transformando-se em melação.

Após a secagem, o açúcar era encaixotado. Em seguida, levado até o porto onde era embarcado para a Europa.

Observe novamente as ilustrações e identifique a ordem correta das etapas de produção do açúcar. Depois, escreva no caderno um texto sobre a produção de açúcar nos engenhos, colocando as etapas na ordem correta. *Ordem correta: B, C, E, A, D, F.*

Dessa forma, ao analisar-se o livro didático pode-se recorrer ao objetivo da Lei nº 10.639 de 2003 traz em sua essência a inclusão da temática de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na composição da formação e busca sobre o entendimento dos motivos que levam a instituição e a composição dos livros didáticos a expor a realidade dessa temática tão rica e importante na formação do estudante, bem como dos professores, por exemplo. Para reverter essa realidade vivenciada no livro didático é que se tornou necessário a efetivação da Lei nº 10.639 de 2003 veio para estabelecer mudanças significativas nessas representações do negro no livro didático. A referida lei foi de fundamental importância para que a imagem do negro deverá ser retratada sem sinais de preconceito.

Na maioria dos livros de história, que é o cerne de nossa pesquisa, os personagens negros têm status caricatural, não frequentam a escola, nem representam a imagem da família, nem tão pouco se mostram em atividades de lazer e representados com fotos reais, ou já adultos em profissões diversificadas para demonstrar que o negro também possui as mesmas oportunidades que qualquer pessoa deve ter enquanto cidadão.

As noções didáticas devem preservar o currículo escolar, bem como, atender as necessidades pedagógicas do professor e do aluno, visando à aprendizagem e o percurso que a formação do cidadão deverá seguir.

O processo de seletividade dos conteúdos curriculares, o currículo oculto, a invisibilidade e o recalque da imagem e cultura dos segmentos sem prevalência histórica, na nossa sociedade, são alguns dos mecanismos produzidos para manter a hegemonia da ideologia dominante. O produto final de todo esse processo está configurado no currículo eurocêntrico vigente nas escolas brasileiras, em todos os níveis de ensino (SILVA, 2001, p. 141).

Neste sentido, é preciso que a escola e as práticas docentes reparem os equívocos que os livros didáticos, bem como, o currículo escolar sejam repensados e reformulados para que o aprendizado seja formador e transformador, sabe-se que a escola é um cenário social e cultural que presa à diversidade cultural, étnica e religiosa presando o cidadão de hoje, de forma que o educador pense e execute um modelo de educação homogênea que privilegie o homem, a sociedade e cultura de todos os povos, dentro do processo escolar.

Uma nova política do livro começa a ser formulada, a partir da definição de padrões básicos de aprendizagem que devem ser alcançadas na educação fundamental. Além dos aspectos físicos do livro, passaram a ser asseguradas a qualidade de seu conteúdo (fundamentação psicopedagógica, atualidade das informações em face do avanço do conhecimento na área, adequação ao destinatário, elementos ideológicos implícitos e explícitos) e sua capacidade de ajustamento a diferentes estratégias de ensino adotadas pelos professores. (BRASIL, 1993, p.25).

Quando se pensa em práticas educativas e no currículo escolar devem sempre priorizar os princípios da diversidade, pluralismo cultural, multicultural e as relações étnicas raciais dentro e fora de sala de aula, com específica atenção para os grupos étnicos negros e indígenas, que a muito foi esquecido pela sociedade e que com a Lei 10.639 procurou ressaltar tais ideais.

Com a reformulação do currículo escolar, estará se promovendo a convivência e o respeito com as diferenças entre os povos, rompendo preconceitos disseminados na sociedade, o silêncio que ronda as situações de discriminações sociais e étnico racial que ainda surgem, seja dos negros, indígenas, asiáticos, como foi feito com os judeus ou qualquer outra cultura, religião ou raça que o sujeito seja ou pertença e que um determinado grupo se reconheça como superior.

As relações de poder estão presentes neste tipo de situação, sendo punitivas por lei e negadas para o fortalecimento de noções e diretrizes educacionais e sociais na construção da identidade de um povo.

Na educação cada passo rumo ao entendimento de uma sociedade mais justa, requer conceitos e quebra de paradigmas, ressaltando a imagem ou a cultura ou raça de um povo, no caso do nosso estudo, a identidade do negro foi negada e ainda possui na sociedade resquícios desse modelo social discriminatório. As políticas públicas passaram a se preocupar com a imagem que do negro ao longo de séculos tão deturpada que deveria ser mudada, de forma, a rever os conceitos dentro da educação.

Políticas de reparação voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos. (BRASIL, 2004, p. 11).

Mediante as escolhas dos conteúdos curriculares e o currículo oculto pode-se afirmar que a imagem do negro foram as que encenam o negro em um padrão europeu, não contemplando a diversidade cultural e histórica desse povo na história, como podemos observar na passagem do Livro Didático do 5º ano da rede Estadual de ensino da Guarabira – PB:

É bom saber

O Movimento Abolicionista *Comente com os alunos que muitos adeptos do Movimento Abolicionista também participavam do Movimento Republicano.

Além do Movimento Republicano, no final do século XIX, havia um outro grupo de pessoas defendendo mudanças na sociedade brasileira. Essas pessoas formavam o **Movimento Abolicionista**, que lutava pelo fim da escravidão.

Após o fim do tráfico de escravos, em 1850, aos poucos esse movimento foi se fortalecendo. Nas ruas das cidades, a população fazia manifestações, passeatas e comícios reivindicando o fim da escravidão no país. Na área urbana, mas principalmente nas fazendas, aconteciam rebeliões e fugas em massa de escravos.



Nessa charge, publicada em 1887 na *Revista Ilustrada*, o artista Angelo Agostini representou escravos fugindo das fazendas de açúcar e café. Aqueles que conseguiram escapar se dirigiam aos quilombos que, naquela época, estavam espalhados pelo país. Para chegar aos quilombos, muitos escravos contavam com a ajuda dos caifazes, abolicionistas que escondiam, alimentavam e transportavam esses escravos fugitivos.

O Movimento Abolicionista contava com a participação de diversos setores da sociedade brasileira, como membros do Movimento Republicano, profissionais liberais, jornalistas, estudantes universitários, escravos e ex-escravos. Para divulgar suas ideias, os abolicionistas fundaram jornais, como *A Gazeta da Tarde*, *A Redenção* e *Jornal do Comércio*. Além disso, eles formaram clubes e associações contrárias à escravidão, como a Sociedade Brasileira contra a Escravidão e o Clube Abolicionista dos Empregados do Comércio.

Dentre tantas pessoas que lutaram pela abolição, algumas delas tornaram-se muito conhecidas, como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Luís Gama e Silva Jardim. Leia na próxima página algumas informações sobre eles.

110

Ilustração 2–Imagem do Livro Didático.
Fonte: 2015.

No Brasil essas formas de cerceamentos à população negra em que se colocou o negro a margem da sociedade até na representação do livro didático, são motivadas por um padrão estético, social do branqueamento, que acabou por representar o ideal

de sociedade, formação e estruturação de uma sociedade civilizada que não age através da cor.

O livro didático dentro da estrutura capitalista e do mundo globalizado em que vivemos deve-se levar em consideração a realidade do aluno, deixando de lado qualquer manifestação de preconceito, justificando a intenção da problemática das relações étnico-raciais. As questões sobre as situações de racismo são bem descritas nas palavras de Munanga e Gomes (2006):

O problema é que, no nosso caso, o preconceito está fundamentalmente nos caracteres físicos. A discriminação “cultural” vem a reboque da física, pois os racistas acham que “tudo que vem de negro, de preto” ou é inferior ou é maléfico (religião, ritmos, hábitos etc.) (MUNANGA, GOMES, 2006 p.175).

O que parece justificar a insistência da predominância da discriminação do negro no Brasil está relacionado com a cor de sua pele, sendo a cor da pele um obstáculo para que o negro constitua seu valor na sociedade, que requer da população e das políticas públicas efetivação na esfera legal, com os direitos e deveres, sem padronizar as relações e sim integrar de forma cultural a história de um povo.

A alimentação que os africanos escravizados recebiam costumava ser pouco variada. Era composta, basicamente, de farinha de mandioca, feijão, angu de milho e, às vezes, sobras de carne. Para preparar e consumir os alimentos, eles tinham poucos utensílios, como panelas, tigelas de barro e colheres de pau.

Em algumas senzalas havia pequenos fogareiros, onde os escravos podiam preparar os alimentos que cultivavam.

Mesmo com a situação difícil em que viviam — e contrariando a vontade dos senhores —, os africanos procuravam preservar hábitos e costumes trazidos da África, como festas, **batuques** e a religiosidade. Muitos desses hábitos e costumes foram preservados e, ainda hoje, são praticados por diferentes pessoas, afro-brasileiras ou não.

Observe.

VER GLOSSÁRIO



Para manter vivos os costumes africanos, sempre que podiam, os africanos realizavam festas e batuques, como esse que vemos na imagem.

VALORIZANDO A CULTURA

➔ Compare as informações sobre o modo de vida dos africanos escravizados e o modo de vida do senhor de engenho e de sua família. Converse sobre as diferenças das condições de vida desses dois grupos de pessoas. [Pessoal](#)

43

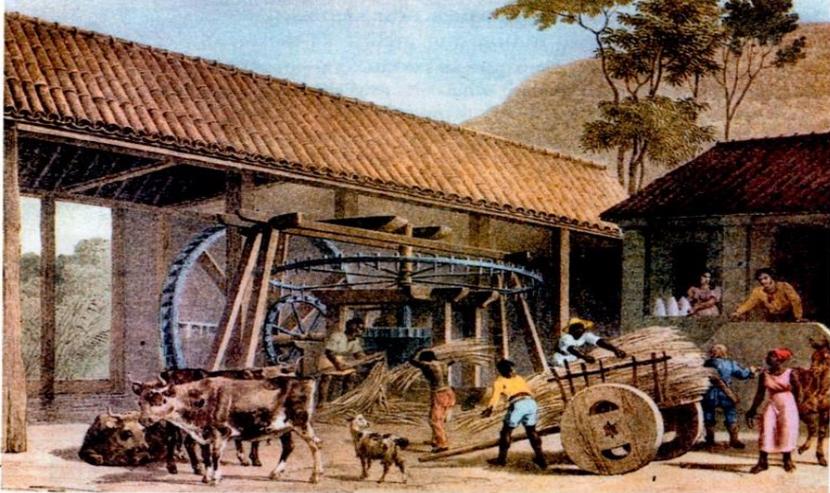
Ilustração 3 – Imagem do Livro Didático.
Fonte: 2015.

A desmistificação da imagem do negro criada no livro didático deve ser observada na ótica que estabeleça algumas mudanças positivas em relação às imagens dos/as negro/as nos livros didáticos, eles estão mais presentes nas ilustrações de forma a mostrar a imagem de forma cultural, mostrando as manifestações na sociedade, questões religiosas, danças, costumes, serviços, ou seja, identificando às imagens dos/as negro/as no livro didático com maior interação social dos personagens brancos com os negros, igualdade econômica, social, religiosa, enfim, valorizando a herança cultural Africana e de seus descendentes.

UNIDADE
3 **NA ÉPOCA**
DOS ENGENHOS

No decorrer desta Unidade, são propostos vários questionamentos para serem respondidos oralmente pelos alunos. Nos casos em que julgar conveniente, solicite a eles que escrevam as respostas no caderno.

Observe a seguir uma gravura produzida pelo artista alemão Johann Moritz Rugendas.



Engenho de açúcar, de Johann Moritz Rugendas, (c. 1835). Litografia colorida à mão. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Converse com os colegas sobre as questões a seguir.

1. O que essa gravura está representando?
Um engenho de açúcar.
2. Qual era o principal produto fabricado nesse lugar?
O açúcar.
3. Quais elementos da gravura fornecem informações que permitem identificar a atividade que está sendo realizada?
Possível resposta: o título da gravura, a presença da moenda, da cana-de-açúcar, dos africanos escravizados, do feitor e do senhor de engenho.

NÃO ESCREVA NESTE LIVRO.

36

Ilustração 4 – Imagem do Livro Didático.
Fonte: 2015.

Para melhor compreender o porquê da escolha dessa imagem como fonte do presente trabalho destacamos a seguinte passagem:

É a partir, das transformações das representações nas imagens dos/as negros/as nos livros didáticos, que os sujeitos passam a reconhecer os traços positivos de sua história. Isso permite construir nas crianças negras como também nas não negras, uma nova percepção da imagem de suas origens e, conseqüentemente, gerar a autoestima e seu autoconceito. Essa transformação é “um grande passo para a construção/ reconstrução da identidade étnico-racial e social da criança negra, bem como para o respeito, reconhecimento e interação com as outras raças/etnias” (SILVA, 2011, p.98).

Mostrar a cultura africana apenas com as imagens dos/as negro/as nos livros didáticos no período Colonial na Escravidão no Brasil, foi uma questão bastante intrigante, pois como contar a história do Brasil Colonial, do período da Escravidão, dos Engenhos sem mostrar às imagens dos/as negro/as nos livros didáticos nessas representações? A imagem dos/as negro/as com poucas roupas, fazendo trabalhos braçais, na roça, ou nos engenhos e nas casas de senzalas ou no tronco são tão comuns em todos os livros didáticos de qualquer ano escolar. Estabelecer medidas diferentes é uma tarefa árdua que o Ministério da Educação (MEC) através das diretrizes do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) que devem combater, não é deixar de contar a história, mas é mostrar, em outras situações, principalmente na atualidade, imagens dos/as negro/as em situações sociais, culturais, familiares, em momentos de lazer onde a história dos Afro-brasileiros deve ser reeditada na perspectiva da educação multicultural.

Porque não valorizar as heranças culturais africanas, que são tão visíveis em nossa sociedade. Heranças essas que “estão presentes na fala, nos gestos, nas atitudes, nos hábitos e nos costumes”. (SILVA, 2011, p. 110).

Cabe ao educador e a espaço escolar encontrar na história da cultura Afro uma história que pode ser contada e vivenciada de diversas maneiras dentro de uma perspectiva cultural, em que o espaço escolar seja responsável pela transformação histórica e na realidade, dos alunos, ressaltando a importância dos grandes personagens da história africana dentro e fora do Brasil, revendo a identidade do dos/as negros/as como uma miscigenação de povos, afirmando a interação entre os brasileiros e os afro-brasileiros num contexto social e cultura.

Com a referida Lei nº 10,639 de 2003, que estabelece a cultura negra dentro do âmbito escolar, foi possível observar, algumas mudanças positivas em relação às imagens dos/as negro/as nos livros didáticos, apresentam-se mais presentes e com uma nova forma de abordagem. Apesar disso, neste livro em análise não foi encontrada nenhuma imagem que incentivasse este tipo de ação afirmativa, nem tão pouco textos que tragam qualquer tipo de ilustrações.

1.1 O LIVRO DIDÁTICO E AS NOVAS DIRETRIZES DA LEI 10.639 DE 2003.

Para que o livro didático cumpra seu papel de aprendizagem perante a proposta curricular que se pretende e assim contribua para uma boa formação, é importante antes de qualquer coisa estabelecer elos de boa convivência entre pessoas, aluno e professor, seria uma grande mudança para o mundo trazendo novos caminhos para um bom desenvolvimento social buscando novas políticas públicas e mais desenvolvimentos para a aprendizagem como um todo.

Educar-se para a convivência respeitosa das diferentes subjetividades e valores coexistentes em sociedades multiculturais, para o respeito à diversidade, é muito difícil. Isso implica em uma mudança de atitudes e de valores. Nesse movimento, os processos de formação inicial e continuado de professores para prática educativa eficiente – do ponto de vista dos afro-brasileiros – ganham dimensões de desafios políticos-pedagógico redefinidor do papel que escola e professores vêm historicamente desempenhando. (RIBEIRO & GONÇALVES, 2012, p.55-56)

Buscar novas metodologias e práticas no cumprimento dos deveres do cidadão, com uma educação pautada nos Direitos Humanos ao qual fosse ampliada uma construção de cidadania e igualdade social, deve ser uma construção didática e pedagógica e nada melhor que estarem inseridas no livro didático.

Para não termos mais esse patamar de baixo desempenho no sistema educacional, quanto a culturas diferentes das nossas, em especial a cultura Afro, é preciso retirar os estereótipos que se tem até mesmo nos livros didáticos no qual o negro escravizado e ignorado, passem a ser visto de forma valorizada no sentido de que somos todos irmãos em busca de um só rumo.

Unificar os saberes e buscar um só caminho em que não exista discriminação as etnias raciais e sim o entendimento que existe uma só raça na qual somos todos merecedores do saber e detentores de direitos e deveres a serem cumpridos para uma vida digna em sociedade.

Políticas de reparação voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro brasileiro, de aquisição das competências e dos

conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos (BRASIL, 2004, p. 11)

O educador através das diretrizes estabelecidas no currículo escolar por meio da aplicação dos conceitos e metas estabelecidas no livro didático, deve sempre buscar novos ensinamentos e torna-se mais viável e se renovar cada vez mais em sua metodologia de ensino, sempre se renovando em todos os sentidos, entrando sempre em novas culturas, novos caminhos e repassando sempre uma boa estrutura de capacitar novas pessoas para um bom resultado no que se diz educação.

A importância da cultura Afro-brasileira e Africana nos dias de hoje fazem jus ao processo acelerado que a globalização nos proporciona, bem como uma sociedade mais consciente e comprometida com seus semelhantes, que através da multiculturalidade diversificada passa a ser também uma nova conquista com a diversidade das culturas, dos povos, dos conhecimentos, trazendo grandes dimensões e trocas de conhecimentos em busca de grandes conquistas.

Desde a implementação da Lei 10639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileira, pouco se fez nesta direção. Assinalando ainda um caráter conservador de nosso sistema educacional, bem como a falta de políticas públicas competentes e atuantes neste sentido. Segundo a referida lei:

A Lei 10639/03 que altera Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabelece obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica e o Parecer Nº 1/04 do CNE que estabelece as Diretrizes Curriculares das Relações Étnico-Raciais, vem exigindo modalidades de atualização continuada para educadores, tanto para repertório informativo específico como para formação de excelência na matéria, conforme almeja a regulamentação. (FERRIERA & SILVA, p.01)

Sabe-se que ainda falta muito para chegarmos a um patamar de reconhecimento digno entre etnias, mas, a busca de novas conquistas nós leva a solicitar e implantar novas políticas de desenvolvimento para uma melhor educação nas escolas e também no convívio social, aperfeiçoando cada vez mais os conceitos para formação de novos e melhores educadores a serviço de nossa educação.

A discriminação do negro no nosso país vem desde muito tempo, onde o negro sempre foi alvo de racismo discriminação e desta forma vem nos possibilitando uma reflexão sobre esses temas que diversos estudiosos vêm tentando a compreensão e

a desmistificação desses conceitos que vindo sendo abordado em nosso dia a dia, perante a sociedade em que vivemos.

Sabemos que os livros didáticos nos trazem realidades distorcidas e com pensamentos divergentes em diversos contextos.

Apesar de que após a implementação do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) que regulamenta as diretrizes para que os livros didáticos sejam compatíveis com a realidade e não estimulem nenhuma prática de discriminação nas segregações de gênero, etnia, religiosa, econômica e ou cultural ainda sim encontramos alguns dados ou imagens distorcidas que relevam estes pontos.

Com base nessas abordagens e discussões podemos enfatizar que o Livro Didático analisado (A Escola Nova – 3ª Edição, 2012) traz algumas inquietações que necessitam ser debatidas e questionadas, sobre as transmissões de valores pejorativos envolvendo o negro no que diz respeito às imagens do livro didático, podendo desta forma desenvolver múltiplos preconceitos, que vêm enraizados das páginas dos livros didáticos escolares. Desta maneira faz com que os alunos não reconheçam o negro como uma raça, como as demais e sim como um castigo ou até mesmo injustiça social.

Ressaltando na prática educativa a questão da autoestima e da afirmação racial que a eles é negada. De forma que a presente citação abaixo bem descreve esta questão:

O processo de seletividade dos conteúdos curriculares, o currículo oculto, a invisibilidade e o recalque da imagem e cultura dos segmentos sem prevalência histórica, na nossa sociedade, são alguns dos mecanismos produzidos para manter a hegemonia da ideologia dominante. O produto final de todo esse processo está configurado no currículo eurocêntrico vigente nas escolas brasileiras, em todos os níveis de ensino (SILVA, 2001, p. 141).

E assim, seguindo esta linha de raciocínio vale explorar o que diz Silva (1995, p. 47):

O livro didático, de modo geral, omite o processo histórico-cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o índio, o negro, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem em grande parte para a fragmentação da sua identidade e autoestima.

Fazendo uma ligação sobre as palavras do autor, é válido questionar as mais diferentes formas de preconceitos trazidos pelas imagens dos livros que vem abordando preconceitos inseridos através de imagens rotulando o negro como pobre humilhado, estas imagens podem melhor ser explicitadas se observarmos as páginas 36, 54, 55, dentre outras ilustradas ao longo deste trabalho, que corroboram com a imagem do negro de forma desqualificado, visto como um ser selvagem e sem nenhuma potencialidade para desempenhar funções no mercado de trabalho ou em sua vida social, os livros didáticos não tinham uma perspectiva crítica sobre a questão “Afra”, mas que hoje já conseguimos alguns avanços, tais como: a imagem do negro numa formação familiar; a figura do negro como representante cultural; dentre outras.

O livro didático deveria questionar de acordo com Rangel (2001, p.13) “contribuir efetivamente para a consecução dos objetivos do ensino de língua materna, tais como vêm definidos em documentos oficiais, como os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais, assim, são necessários que ele abstenha-se de preconceitos discriminatórios e, mais do que isso, seja capaz de combater a discriminação sempre que oportuno”, faz necessário articular e combater qualquer preconceito e discriminação racial possibilitando um novo olhar para que os nossos alunos tenham argumentos para abordar essa temática dentro da escola e fora dela.

Quando abordamos sobre a questão do negro, no tocante das discriminações no livro didático, várias abordagens são pertinentes de acordo com suas experiências em seu cotidiano escolar ou familiar. De acordo com Negrão (1988):

Podemos observar no livro didático a veiculação de discriminação, preconceitos e estereótipos em relação ao negro, capazes de concorrer para a inferiorização, fracionamento da identidade e da auto-estima das crianças e jovens negros, que o utilizam em busca de conhecimentos. Nesse sentido o livro caracteriza uma relação entre iguais, entre o autor adulto emissor e a criança receptora, porque o autor branco se dirige a um público por ele representado como crianças brancas de classe média. Nessa medida, a criança negra com suas vivências e desejos estão excluídos do próprio processo de comunicação instaurado pela literatura didática e paradidática [...] o preconceito veiculado pela literatura se justifica na medida em que tais obras são produzidas para educar a criança branca. (NEGRÃO apud SILVA 1988, p. 87)

Estabelecer a confiança e a autoestima de crianças afro descendentes no âmbito escolar, visto que ainda, encontramos ambientes hostis que não favorecem a cultura étnica e aceita procedimentos de racismo e discriminação em práticas exclusivistas onde o preconceito é ensinado e reproduzido em muitas ações, que devem ser modificadas visando a integridade social e psicológica dessa criança e jovem, para não acarretar futuros problemas comportamentais decorrentes dessas práticas ainda disseminados em nossas escola.

Assim SILVA afirma que:

O tratamento dispensado ao negro, especificamente as crianças negras no livro didático, nas relações sociais, aparecem de forma explícita, em uma evidente confirmação da aceitação de que esse tratamento é “natural” para esses seres considerados inferiores. O direito a ter um pré-nome foi negado a quase todos os personagens, crianças, adultos ou velhos. Foram descritos explicitamente como feios, malvados, gulosos, sujos, mentirosos, moleque, preguiçosos, desobedientes, demônios ou denominados pela cor de sua pele. A representação desta forma de tratamento dispensado à criança negra contribui para sua reprodução na escola pelas crianças de pele mais clara, ao tempo em que provoca naquelas, relações de mutismo ou de agressão, contra a violência e a humilhação. (SILVA, 1988, p. 110)

Nas afirmações de NEGRÃO (1988) e SILVA (1988) podemos concluir como o negro foi inserido nas inúmeras páginas do livro didático e quais são os estereótipos que vem sendo atribuído ao racismo evidenciando características de agressividade, inferiorização e humilhação que retratam o negro como um ser sem formação ética e moral entre os mais diversos grupos que são introduzidos em nossa sociedade moderna.

A identidade da criança negra deve ser trabalhada desde as series iniciais, envolvendo conceitos diversos sobre a negritude com uso de várias imagens para que os nossos alunos possam aprender a respeitar a imagem que tem de si e dos outros que estão ao seu redor e conviver com referenciais negros que confirmem essa expectativa.

Vale salientar que já possuímos um grande acervo em nossa literatura que podem ser trabalhadas essas questões trazendo o negro como um ser construtivo de sua própria história.

1.2A RELAÇÃO DO EDUCADOR NA INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO AO AFRO-DESCENDENTE.

A cada dia a educação busca novos preceitos e diretrizes que norteiem o trabalho do profissional da educação para melhor compreender o mundo e o alunado que o espera em sala de aula, nesta busca, por novos horizontes para uma formação docente, o profissional procura na qualidade de um bom ensino e uma melhor qualificação.

No que concerne à cultura Afro-brasileira e Africana, os docentes devem almejar uma educação com mais políticas públicas e diferentes meios de ensinamentos, de forma diferenciada para capacitar educadores sem excluir etnias.

Dessa forma, mostrando para os cidadãos, afro-descendente ou não, que mesmo a África sendo um continente com grandes culturas que passou por uma extrema desconstrução cultural feita durante o período de sua colonização, a mesma possui relevantes questões quanto à formação e disseminação cultural, étnica, religiosa, social e política.

Neste contexto cultural, faz-se necessário expor as diretrizes que acabam por interferir no currículo de formação docente. A formação docente no contexto de um mundo globalizado, indaga-se qual o perfil profissional esperado para os docentes. Nesse sentido, discutir a formação do profissional da educação com base nos ensinamentos da cultura Afro é permitir que o educador obtenha novos conhecimentos e enriqueça ainda mais seu currículo e seus ideais educacionais.

Sendo assim, neste capítulo faz-se investigar e discutir, no contexto de mundo globalizado, qual o perfil profissional dos docentes acerca do seu trabalho dentro da cultura Afro, e como fluem respectivas, em suas práticas pedagógicas, analisando a formação em serviço e o desempenho em sala de aula. Sabe-se que a busca por melhores condições de ensino-aprendizagem são de extrema importância.

Assim, formação docente busca ampliar seus estudos e ensinamentos para novas ideias de regularizar um ambiente de valores na escola, e no que diz respeito à formação com um olhar voltado para a cultura Afro, deve-se mostrar uma nova dinâmica na formação de educadores e sujeitos sociais, com dignidade e sem preconceitos a etnias, bem como uma nova ideia de educar e mostra para o mundo os valores que a África possui em sua gênese cultural.

Tomando como base a formação do professor e a busca pela formação pautada nos preceitos da cultura Afra, onde, apesar de atualmente a mesma ocupar um espaço privilegiado nas discussões sobre raça e etnias, a nossa sociedade ainda mostrar a maneira como os sistemas educacionais fazem e concretizam a busca entre diversidade étnico-racial e educação, mas, que procuram disseminar o que seria, em uma concepção universalista, importante para o processo de ensino e aprendizagem.

Um estudo comprometido com as diferenças, com a construção da identidade, da formação cultural, se faz importante para a formação docente. Este tipo de estudo está relacionado a objetivos filosóficos e pedagógicos, a opções políticas e específicas de cada sociedade, o que implica certos objetivos e estratégias de atuação com diferentes sentidos atribuídos à educação multicultural.

Por mais que a cultura de um povo seja modificada, ainda restam resquícios de sentimentos e ações, preconceituosas e que caracterizam a discriminação ou racismo, que configuram formas de não aceitação daquilo que para muitos é tido como anormal, diferente, não aceitável. Conforme Banton (1979), o próprio termo “racismo” surgiu na década de 1930 para condenar as doutrinas que dizem que a raça determina a cultura o chamado “racismo científico”; como conceito, racismo diz respeito às práticas que usam a idéia de raça com o propósito de desqualificar socialmente e subordinar indivíduos ou grupos, influenciando as relações sociais.

Ensinar História da África aos alunos brasileiros é a única maneira de romper com a estrutura eurocêntrica que até hoje caracterizou a formação escolar brasileira. Com a lei sancionada, tornando obrigatório o ensino da História dos afro-brasileiros e africanos no ensino fundamental e médio, deu-se conta das dificuldades de sua implementação, a começar que com algumas exceções os professores nunca tiveram, em suas graduações, contato com disciplinas específicas sobre a história da África, além do que a grande maioria dos livros didáticos de História utilizada nestes níveis de ensino não reserva para a África espaço adequado, os alunos passam a construir apenas estereótipos sobre a África e suas populações. (SANTOS, 2013, p. 01-02)

E com o intuito de oferecer uma educação digna, comprometida com a formação do cidadão é que a formação docente deve ser vista como uma forma de promoção dos conhecimentos desse profissional. Nessa visão podemos identificar uma série de iniciativas e propostas e modificações nos conteúdos curriculares com a

finalidade de propor contribuições de outros grupos culturais e classes sociais aos conceitos abordados nas diferentes disciplinas, como exemplo a introdução de conteúdo específicos visando combater preconceitos.

Outras medidas também podem ser identificadas tais como as metodologias que garantam o sucesso dos alunos, independentemente de sua origem e classe social, bem como as propostas de criação de disciplinas específicas que tratem dentro do âmbito escolar da cultura Afro como um todo e não apenas como um assunto de determinada disciplina uma vez no ano, ou que fique presa a projetos trabalhados apenas para satisfazer o currículo escolar.

A proposta da formação docente na comprometida com a integração do Afro descendente, ressaltando sua cultura, sua formação étnica e sua atual situação em nossa sociedade, deve proporcionar no âmbito escolar ações que procuram atingir a dinâmica dos relacionamentos dentro da escola como as que visam relacionar as atitudes e expectativas entre os alunos, onde os professores e funcionários se estabeleçam na dinâmica educacional com o objetivo de criar um ambiente em que os estudantes de diferentes grupos étnicos e sociais sintam-se valorizados e participem das experiências educativas.

De acordo com Silva (1990, p. 01):

Um currículo dessa natureza trabalha questões éticas, políticas, sociais, e não questões técnicas e instrumentais. Assume um pacto com a justiça social, no sentido de maximizar a igualdade econômica, social e educacional. O trabalho do professor-curriculista orientado por esses pressupostos nunca será neutro, mas perpassado por compromissos e imbuído de intencionalidade.

Estas e outras medidas devem ser iniciativas da escola, bem como das políticas públicas que devem intervir com ações que garantam a disseminação da cultura Afro-brasileira e Africana na educação escolar.

Em meio a tantos fatos de discriminação, opressão, racismo, na história da África, que geraram a desconstruções de sua história, de sua cultura, de sua etnia, nos levam a pensar como uma cultura tão rica pode-se deixar perder ao longo dos anos, que levaram até hoje a grande degradação de um povo, ao qual se tem uma cultura imensurável. O estudo da cultura e origem Afro nos mostra a sua importância para a formação docente, visto que o professor é disseminador de conhecimento e

ninguém melhor que ele para repassar estes conhecimentos para a formação do cidadão.

A formação docente, neste sentido, quer viabilizar uma nova história com novos conceitos, buscando cada vez mais possibilidades de capacitar um bom educador, mas também, mantendo a base de que educador também aprende no convívio das várias situações de classes sociais, buscando ainda um saber moderno.

O trabalho docente na atualidade é algo importante para que se possa entender a atual conjuntura que está a formação desse profissional, segundo SILVA:

Educadoras e educadores precisam, mais do que nunca, assumir uma identidade como trabalhadoras/es culturais envolvidas/os na produção de uma memória histórica e de sujeitos sociais. O campo educacional é centralmente cruzado por relações que conectam poder e cultura, pedagogia e política, memória e história. Precisamente por isso é um espaço permanentemente atravessado por lutas e disputas por hegemonia. Não assumir nosso lugar e responsabilidade nesse espaço significa entregá-lo às forças que certamente irão moldá-lo de acordo com os seus próprios objetivos e esses objetivos podem não ser exatamente os objetivos de justiça, igualdade e de um futuro melhor para todos. (SILVA, 1995, p. 28-29)

Uma sociedade com indivíduos mais esclarecidos torna-se uma base para passar a ser reconhecida como privilégio de ser capacitados para formar uma nova visão entre pessoas menos esclarecidas, buscando unificar esse processo importante de formar cidadãos.

Contudo, ainda encontramos docentes que na própria instituição trata com indiferença alunos que ficam excluídos de certa forma na instituição, deixando a desejar em sua função enquanto educador, e mesmo assim, ainda encontramos aqueles que pouco trabalham essa parte de diferenças raciais e conflitos, sem buscar pontos positivos deixando uma lacuna na educação dos menos favorecidos e excluídos, sejam, por sua raça, condição social ou religião.

CAPÍTULO II

A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA NA IDENTIFICAÇÃO DA VISÃO DO MUNDO DA CRIANÇA: CONSTRUINDO UMA VISÃO INTEGRADORA.

Estabelecer uma visão integradora para identificar a sua cultura e sua história é muito importante para se entender como o mundo da criança está para ela mesma. Como os seus processos cognitivos se desenvolvendo, a criança, através do trabalho do educador assim são responsáveis para a identificação de seu processo de ensino e aprendizagem.

A partir da concepção de que as aulas de prática de ensino devem e podem contribuir para a formação de uma visão crítica, reprodutiva, seletiva e criativa, no processo de reflexão crítica sobre suas próprias ações, onde a criança transforma suas experiências em vivências que acarretam no seu desenvolvimento.

É neste processo que a criança se desenvolve, é que ocorre ao longo da vida, e são influenciados pelas interações dos conceitos de adultos, da experiência da convivência com outras crianças em formação e dos seus conhecimentos inatos, todos estes eventos são processados pelo cérebro e assim contribuem para a formação psíquica e cognitiva desse ser humano em distintos ambientes, tais como o organizacional, social, escolar, familiar.

No que diz respeito à contextualização do ensino, a criança ter uma visão de aproveitamento, onde o conhecimento é transformado em informações, contudo é uma construção gradativa, que levará anos para se concretizar.

Produzir conhecimentos é transformar informações complexas (científicas e ideológicas, sensíveis e técnicas) em resultados de um processo abstrato de trabalho, um processo que ocorre na cabeça dos agentes sociais. Trata-se, pois, de uma intervenção intelectual sobre objetos simbólicos (intuições, observações, representações), e não da transformação da própria realidade observada. (SROUR, 1978, p. 36)

Apenas assim, é possível resgatar a especificidade do pensamento, fugindo à confusão empirista do real com o simbólico, preceitos também encontrados no construtivismo que se inscreve a teoria cognitivista de David Ausubel, segundo uma aprendizagem significativa, que traga relativa concepção de intelectual e simbólica

para a criança. Para este autor, o movimento de aprender e reconstruir o conhecimento são mais eficientes nas ocasiões em que o aluno consegue adicionar e congregar, ao repertório de considerações e conceitos, antecipadamente constituídos, os novos conteúdos, impedindo, portanto, que estes sejam armazenados, na composição cognitiva por meio de agregações ilegítimas.

Neste sentido surge a afirmativa de Antonio Carlos Caruso Ronca (1994) que descreve a importância do pensamento de David Ausubel quando o mesmo versa sobre as condições de ensino da criança que devem ser levadas em consideração:

O ponto de partida da teoria de ensino proposta por Ausubel é o conjunto de conhecimentos que o aluno traz consigo. A este conjunto de conhecimentos, Ausubel dá o nome de estrutura cognitiva e, segundo ele, é a variável mais importante que o professor deve levar em consideração no ato de ensinar. O professor deve estar atento tanto para o conteúdo como para as formas de organização desse conteúdo na estrutura cognitiva. O conteúdo que é assimilado pela estrutura cognitiva assume uma forma hierárquica, onde conceitos mais amplos se superpõem a conceitos com menor poder de extensão. (RONCA, 1994, p. 01)

O trabalho do professor em frente à reflexão do educando deve ser avaliado e pensado, no âmbito sociocultural da sociedade em que vivemos para a construção positiva e afirmativa da identidade do negro dentre da realidade dos fatos culturais, históricos e sociais. (BEZERRA; NEGREIRO, 2006). Neste passo a aprendizagem é importante e deverá ser significativa na construção da identidade cultural do educando.

Para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrariamente e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógico e psicologicamente significativo: o significado lógico depende somente da natureza do conteúdo, e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem. Cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio. (PELIZZARI; KRIEGL; BARON; FINCK; DOROCINSKI, 2001, p. 37-42).

Contudo, encontramos práticas negativas dentro do ambiente escolar, partindo desde a condição marginalizada e estereotipada do negro. Neste processo de construção indenitária em que a criança negra está inserida, o processo deverá agir

seu processo formador com práticas que estimulem uma ação de cidadania para esta criança, em que ela se orgulhe de suas características específicas, como a cor de pele, da sua raça, das condições sociais, de sua prática religiosa, dentre outros fatores de construção indelével, de forma que, a criança não poderá deixar de se identificar como negra e Afro descendente, ou seja, considerar-se uma legítima Afro-brasileira, nascida e criada num berço de diversas culturas, onde a criação histórica de seu povo foi abalada pelos preceitos discriminatórios e preconceituosos de muitos, mas, que está aos poucos conseguindo legitimação em sua plenitude, pois toda a construção de identidade exigem reconhecimento, seja de forma imediata, ou a longo prazo, como uma construção e reconstrução social da cultura de um povo, se não, essa identidade sofrerá prejuízos em sua constituição, tornando-se a longo prazo limitada, medíocre e cheia de preconceito.

Revê as questões de preconceito e racismo são formas de contribuir para a construção de uma identidade Afro dentro e fora do ambiente escolar, mesmo assim, é inegável o estigma de práticas preconceituosas nesta configuração de sociedade moderna que está sendo reproduzida pelo homem.

A história contada pela ótica da elite, minoritária, branca, instruída educacionalmente e detentora de boa parte da renda de nosso País foi responsável pela divulgação dessa imagem do negro, bem como em muitas dessas ações depreciativas a eles, contextualizando dentro do referencial social racismo ou discriminação, tais atos devem ser repreendidos e punitivos perante as leis, como bem sabemos em nossa sociedade.

A criança vítima de racismo e preconceito dentro ou fora da escola age muitas vezes com aceitação, considerando normal a sua condição de humilhação, mas esta realidade vem mudando pouco a pouco. Dentro do contexto escolar e da visão de mundo e da história deverá ser ensinada a compreender que está prática que é pejorativa sua condição social, cultural e ética não é normal, e deve ser revista pela sua condição de cidadão. Essa criança deverá se reconhecer em sua raça, em sua totalidade, em sua história, tendo noções de direitos e deveres perante a sua constituição social, visando seu desenvolvimento moral, ético, social, igualitário, para não resultar no futuro um adulto frustrado, sem reconhecer-se como ser de valor em uma sociedade que deverá acolher a todos sem distinção de raça ou cor de sua pele.

2.1 DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO NEGRO: UMA REPARAÇÃO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.

A desconstrução dessa a imagem do/a negro/a no livro didático deve levar em consideração todo o universo do educando, tendo em vista o trabalho do professor que deverá contemplar uma maior interação social, entre a criança e os personagens do livro didático, visualizando a realidade do seu dia-a-dia com o que configura o livro, de forma que:

O papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado. (BITTENCOURT, 2004, p. 73).

O processo de escolarização deve sempre contemplar a necessidade da criança, em conhecer a sua história e reconhecer a sua identidade ao manusear o livro didático, vendo a si mesmo em situações comuns a sua realidade.

A representação humanizada nos livros didáticos é muito importante para a criança negra na construção de sua autoestima e identidade étnico-racial, uma vez que ela se identifica com a representação e não como o real, passando a ver-se através dela. (AVERBUCK apud SILVA, 2011, p.137).

Portanto, a imagem do/a negro/a no livro didático influencia muito a criança, pois a mesma deve se associar na imagem que vê todos os dias, na vivência que estabelece entre a vida comum e a escola. A partir da observação do professor do Ensino Fundamental, por exemplo, em algumas situações que trazem essa imagem deturpada ou que negue a existência dessa cultura sem preconceito dentro do espaço escolar, ressaltando nas atitudes de professores para quebrar esse paradigma discriminatório do negro na história.

A imagem da criança negra dentro da educação causa verdadeira dificuldade de exemplificação, pois configura em uma forma de lidar com o diferente, e não excluir da ação educativa e produtiva em virtude de seu estereotipo excludente que a imagem do negro acabou por adquirir com os conceitos sociais, que acabam por eternizar conceitos de preconceito quanto ao grau de entendimento e aprendizagem, pela

referência da cor da pele, isso não é verdade, pois a criança aprende igualmente de acordo com seu desenvolvimento natural e humano.

Devendo ser um dever do educador e da própria instituição de ensino em reverter tal situação. A desconstrução da imagem do negro é uma tarefa difícil e árdua no que diz respeito ao que já foi construído ao longo de tantos anos, mas, não pode ser encarada como uma tarefa impossível, mas sim, como uma forma de condicionar a nossa cultura e costumes a forma correta de reconhecer a imagem do/a negro/a não apenas no livro didático, mas na composição social, cultural e comportamental de nossas crianças.

A escola é responsável pelo processo de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes famílias o que favorece a construção da identidade da criança. Esse contato poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. A relação estabelecida entre crianças brancas e negras numa sala de aula pode acontecer de modo tenso, ou seja, segregando, excluindo, possibilitando que a criança negra adote em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu grupo social. O discurso do opressor pode ser incorporado por algumas crianças de modo maciço, passando então a se reconhecer dentro dele: "feia, preta, fedorenta, cabelo duro", iniciando o processo de desvalorização de seus atributos individuais, que interferem na construção da sua identidade de criança. Por isso educadores precisam estar atentos aos valores étnicos, procurando estudar mais sobre a questão das crianças afro-descendentes, favorecendo o contato entre os pares de modo que se estabeleçam relações mais harmoniosas. (JESUS, 2006, p. 01)

Neste sentido, a escola tem a papel importante nessa trilha da desconstrução dessa imagem negativa do/a negro/a no livro didático e em todo o processo educativo, assim, a reconstrução de uma imagem positiva que reflita a realidade da cultura e história Afrodescendente em toda a construção social e histórica de nosso País.

Contudo. Com reconstrução dessa a imagem do/a negro/a no livro didático vem também a questão de permitir que a criança negra não cresça com uma imagem distorcida dela mesma, que se julgue menos favorecida que outra criança negra ou branca, de forma a fazê-lá compreender que essa reprodução não poderá ultrapassar os limites da ética, do social, do cultural que cada um carrega e sua bagagem histórica.

A criança neste momento de reconstrução social e cultural dela mesma, não poderá deixar reproduzir na sua formação o conceito de raça, como conceito pejorativo associado a sua cor de pele, nem tão pouco associar-se ao que for ruim,

mal, sujo, pois no sentido da desconstrução de sua imagem negativa a criança negra deverá ter a noção de que a raça negra seja uma representação social de julgamento de não ser melhor ou pior que o outro, mas sim, igual em sua plenitude, com as mesmas condições de aprendizagem independente de sua variante biológica ou de sua raça, composição está descrita pelo filósofo e sociólogo Kabengele Munanga (2012).

Baseado no que representa o autor o debate em afirmativa positiva para combater as práticas racistas na contemporaneidade, dentro e fora da escola, mas ressaltando que de forma cultural a escola acaba por ainda reproduzir as questões de raça como debate social. Bem como podemos identificar em consonância as palavras de Oliveira; Souza e Moura (2012) a seguir:

A escola é considerada um espaço possível para construção de identidades, sendo que no caso do negro, nem sempre o seu padrão estético é lembrado de maneira positiva, ou seja, a estética negra no espaço escolar não é bem vista. Ela não aparece nesse espaço como base para construção da identidade. (OLIVEIRA; SOUZA e MOURA, 2012, p. 05)

Sendo assim, no que concerne à educação a discriminação contra o/a negro/a vem desde muito tempo, onde o negro foi alvo de racismo discriminação, assim, entender o racismo como uma construção social também faz parte da reconstrução dessa imagem positiva, desta forma vem nos possibilitando uma reflexão sobre esse tema dentro da perspectiva de uma educação qualificadora, humana, e multicultural, com a defesa da qualidade de vida e representação cultural que cada um desses paradigmas que nossa sociedade busca compreender e desmistificar.

Nessa busca por novos conceitos a escola assume um papel importante na desmistificação de signos que ainda perduram entre as diversas camadas de nossa sociedade, em que elencando palavras, situações e gestos de discriminação contra o/a negro/a, devem ser entendidos como racista e abolidas, pois em uma sociedade moderna não podemos admitir ainda este tipo de situação em que estabelece estereótipos negativos apenas pela cor da pele.

A discriminação social foi um grande estigma da sociedade que acabou por degradar ainda mais a imagem do/a negro/a em nossa sociedade, neste passo a reformulação da ideia de negatividade do ser humano pela referência da cor de sua pele. A desigualdade racial ainda reflete muito em comparação a condição social da

maioria da população negra de nosso País e assim configuram também uma forma de preconceito e racismo, contudo as novas práticas educativas e sociais que crescem a cada dia procuram reverter tais situações.

As camadas mais pobres de nossa sociedade estão compostas em sua maioria por pessoas negras, e com baixa qualificação educacional e profissional. De forma, a configurar organizações familiares mais compostas por pessoas negras que se encontra a margem da sociedade, sendo também uma forma de racismo, pois acabamos por aderir conceitos de acordo como as condições sociais do indivíduo. Com uma educação mais voltada a realidade da criança poderá ser importante na construção de uma sociedade igualitária, respeitosa e culturalmente reconhecadora de sua história e valor.

Dessa forma, no que diz respeito à educação e dos preceitos defendidos dentro da realidade escolar, o educador vem a trabalhar à valorização da cultura Afro dentro do contexto social e cultural repensando em uma educação mais ética e racial voltado a compreensão do negro na sociedade no intuito de interagir a criança e o meio em que ela vive, ressaltando conceitos culturais e históricos desse povo, na constituição de sua cidadania.

Dentro da realidade escolar as situações de racismo são diversas e muitas vezes consideradas comuns entre professores, alunos, e os demais agentes educacionais, mas, essa realidade vem mudando, e muito dessa mudança vem sendo entre os alunos mediante o trabalho efetivo do educador que ressaltam o entendimento da cultura e origem Afro, bem como a construção de uma identidade negra que deve ser reconhecida em uma ação educativa multicultural desenvolvida na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discriminação carrega uma violência simbólica e provocam inúmeras ocasiões de constrangimento e exclusão da pessoa. Tendo como base os pressupostos expostos o educador deve sempre buscar novos ensinamentos e torna-se mais viável e se renovar cada vez mais em sua metodologia de ensino que privilegiem a construção do conhecimento.

De forma que o presente trabalho analisou a situação do livro didático revendo que a situação do livro como um componente, como norteador das práticas pedagógicas

Não adianta tentar embranquecer uma sociedade, pois a sua relação cultural e histórica reflete em sua ação efetiva em meio à sociedade. Dessa forma, a proposta não é discutir o que é negro ou o ser negro, mas o tornar negro, de modo afirmativo, perceber a investigação acerca da sua construção de identidade brasileira, através da recuperação de suas raízes e representação histórica. (BEZERRA; NEGREIRO, 2006).

O educador e ou estudioso nessa temática, sempre deve está num processo de renovação em todos os sentidos, entrando sempre em novas culturas, novos caminhos e repassando sempre uma boa estrutura de capacitar novas pessoas para um bom resultado no que se diz educação.

A importância da cultura Afro nos dias de hoje fazem jus ao processo acelerado que a globalização nos proporciona, através da multiculturalidade diversificada passa a ser também uma nova conquista com a diversidade das culturas, dos povos, dos conhecimentos, trazendo grandes dimensões e trocas de conhecimentos em busca de grandes conquistas, de forma, a estabelecer meios de comunicação entre a escola, o educador e a criança negra em processo educacional.

Sabe-se que ainda falta muito para chegarmos a um patamar de reconhecimento digno entre etnias, mas, a busca de novas conquistas nós leva a solicitar e implantar novas políticas de desenvolvimento para uma melhor educação nas escolas, neste passo, a referida Lei nº 10.639/2003 aparece como um norte para o entendimento da cultura e história do povo Afro em nosso País. O convívio social que está estabelecido na escola deve ser aperfeiçoado cada vez mais os conceitos para formação de novos e melhores educandos/cidadãos a serviço de sociedade.

Assim, diante de todas as considerações e investigações sobre a temática chegou-se ao entendimento segundo a análise da Lei nº 10.639/2003 que vem ressaltar o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, mediante as diretrizes da legislação que destaca a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, bem como de todos os cidadãos, como uma fonte importante de cultura e de construção de uma identidade social.

O que se busca com a análise da presente temática é expor a realidade do livro didático, que apesar da Lei e das modificações sofridas no currículo na metodologia de trabalho das escolas e professores ainda encontramos a imagem do negro de forma distorcida e assim caracterizada de forma pejorativa. Contudo, devemos revê que, os conceitos sobre uma educação mais qualificadora, humanizada, digna, com respeito à diversidade social, cultura e ética está no cerne do desenvolvimento do trabalho do docente.

Assim, o estudo de algumas literaturas que compuseram esta construção monográfica serviu de base para o entendimento da temática e da desmistificação da imagem do negro, neste passo, também vale à pena ressaltar a qualificação e a formação profissional, os livros didáticos e de literatura proporcionem aos professores o conhecimento e material indispensável para o cumprimento da lei, de fato e de verdade, na sala de aula.

Sem isso, não será possível ao docente ser capaz de trabalhar na perspectiva de uma reconstrução da cultura, identidade e valorização na inclusão da cultura negra na escola. Sendo também uma realidade corrente neste trabalho a busca de compreender como um livro didático deverá trazer o respeito aos direitos humanos e o fim das tendências discriminatórias, que infelizmente ainda perduram e estão arraigados em nossa sociedade e que acabava por ser reproduzida na imagem do/a negro/a no livro didático de forma destorcida.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Rosilda Alves; NEGREIRO, Carlos Alberto de. A construção da identidade afro-brasileira: a imagem do negro na literatura infantil: In: Anais I encontro Nacional Sobre Literatura Infanto-Juvenil e Ensino. Campina Grande: Editora bagagem, 2006.
- BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana, SEDAC/MEC Brasília, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC) – Cadernos Temáticos – Educando para as relações étnicas – raciais. Diretrizes Curriculares do Ensino de História. Curso: Educação, Africanidades: Brasil – MEC – 2006.
- BRASIL, LEI 10.639/03 Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC/SECAD. 2005.
- _____, LEI 10.639/03 E A IMPORTÂNCIA DE SUA IMPLEMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Jocéli Domanski Gomes dos Santos, 2013. Disponível em: http://www.nre.seed.pr.gov.br/uniaodavitoria/arquivos/File/Equipe/Disciplinas/Biologia/A_LEI_10639_03_E_A_IMPORTANCIA_DE_SUA_IMPLMENTACAO.pdf Acessado em: 10/12/14.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Racial e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Plano decenal de Educação para todos. Brasília: MEC, 1993.
- BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Repensando o Ensino).
- DEL NERO, Henrique S. O sítio da mente. São Paulo: collegimcognitio, 1997.
- FERREIRA, Cléa Maria da Silva. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES COM BASE NA LEI 10639/03 NA USP: DEMANDA E RESISTÊNCIA. Cléa Maria da Silva Ferreira. Disponível em: http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/II_Sem_Inter/ARQUIVO%20CGP%205.pdf Acessado em: 10/12/14.

- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula: vista a história contemporânea. SP; Selo Negro, 2005.
- LINS, Juarez Nogueira. BEZERRA, Rosilda Alves. NEGREIRO, Carlos Alberto de (organizadores). Linguagem e discussões culturais. João Pessoa: Ed livro rápido, 2006.
- LENT, Roberto. Cem bilhões de neurônios: Conceitos fundamentais de neurociência. São Paulo: Atheneu, 2001.
- MUNANGA, Kabenguele. Negritude, usos e sentidos. São Paulo. Ática, 1988.
- MUNANGA, Kabenguele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de Hoje. 1ª ed. São Paulo: Global / Ação Educativa, 2006.
- PINHEIRO, Marta. As bases biológicas da neuropsicologia: uma contribuição à formação de educadores. Temas sobre desenvolvimento, São Paulo, 2005-2006.
- PELIZZARI, A. KRIEGL, ML. BARON, MP. FINCK, NTL. DOROCINISKI, SI. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. Rev. PEC. 2001- 2002; 2(1): 37-42.
- ROSE, Steven. O cérebro consciente. Coleção Ciência Aberta, v.1. São Paulo: Alfa – Omega, 1984.
- RIBEIRO, Ana Paula. GONÇALVES, Maria Alice Resende. Diversidade e Sistema de Ensino Brasileiro. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.
- RAMOS, Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: ANDES, 1957.
- REGO, Teresa Cristina R. Diferenças e Preconceitos na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. 2ª Edição, 2007. pág. 51)
- RONCA, Antonio Carlos Caruso. Teorias de ensino: a contribuição de David Ausubel. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Temas psicol. v.2 n.3 Ribeirão Preto dez. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1994000300009&script=sci_arttext Acessado em: 08 de Novembro de 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A “Nova” Direita e as Transformações na Pedagogia da Política e na Política da Pedagogia. In: Gentili, P. & Silva, Tomaz Tadeu (org.s). Qualidade Total Neoliberalismo e Educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- SILVA, T. M. N. A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador. São Paulo: EPU, 1990.
- SILVA, Ana Celia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático, pág. 14, 2001)

SILVA, Ana Célia da. A representação do negro no livro didático: o que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Ana Célia da. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. Salvador. EDUFBA, 2001.

SROUR, R. H. Modo de produção: elementos da problemática. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

TAVARES, Rosemeire Aparecida Alves. CAVALCANTE, Maria Eugênia Bellusci. A Escola é Nossa: História – 5º Ano. 3ª Edição, 1ª impressão, Editora Scipione, São Paulo – 2012.

IN SITES:

In: Cadernos Negros: Contos afro-brasileiro.vol.24: São Paulo; Quilombo hoje, 2001.